

EVENTO CRÍTICO ATIRADOR ATIVO: RESPOSTA IMEDIATA PRIMEIRO INTERVENTOR

Paulo César Guimarães Prata¹
José Gilvandro Chagas Lopes²
Éfren Branches Galvão³
Antonio Janderson Aguiar Soares⁴

RESUMO: O gerenciamento de crises consiste em um plano de ação em relação a uma crise específica, com o objetivo de contê-la. É fundamentado em dois sistemas distintos: estático e dinâmico. O sistema dinâmico de crises abrange tipos específicos de crise, dentre os quais, atirador ativo. O evento crítico atirador ativo ficou amplamente conhecido a partir do massacre de Columbine, ocorrido nos Estados Unidos em 1999, tragédia que influenciou a doutrina do gerenciamento de crises, principalmente em relação a eventos críticos caracterizados por atiradores aleatórios, o que exige uma resposta imediata das forças policiais através de um novo conceito surgido a partir de então, o conceito de primeiro interventor. Neste estudo intitulado “Evento crítico atirador ativo: resposta imediata primeiro interventor”, discutiremos questões concernentes a uma crise de natureza dinâmica, o atirador ativo, e a necessidade de intervenção policial no que concerne ao encerramento do evento crítico. A finalidade da pesquisa consistiu em analisar os procedimentos referentes à crise atirador ativo e compreender a importância de uma resposta imediata, atribuída ao primeiro interventor. A metodologia utilizada se fundamentou em Marconi e Lakatos (2024) e Minayo, Deslandes e Gomes (2016) e consistiu em: pesquisa bibliográfica e documental, além da discussão de casos reais referentes ao tema, no intuito de fundamentar indutivamente a pesquisa por meio de procedimentos qualitativos. Por fim, concluiu-se que o evento crítico atirador ativo consiste em uma ocorrência policial de alta complexidade que exige uma resposta imediata, a saber, o primeiro interventor.

1

Palavras-chave: Atirador. Ativo. Crise. Primeiro. Interventor.

12° Sargento da Polícia Militar do Pará (PMPA); Graduado em Recursos Humanos (UNIP); Pós-graduado em Logística Operacional (FAVENI).

22° Sargento da Polícia Militar do Pará (PMPA); Técnico em Gestão de Tecnologia da Informação (UNIP); MBA em Administração em Agronegócio e Biotecnologia (UNINTER).

33° Sargento da Polícia Militar do Pará (PMPA); Bacharel em Direito (UNAMA); Pós-graduado em Direito Penal e Processo Penal (UNAMA).

43° Sargento da Polícia Militar do Pará (PMPA); Graduado em Recursos Humanos (UNIP); Pós-graduado em Gestão Ambiental (FAVENI).

ABSTRACT: Crisis management consists of an action plan regarding a specific crisis, aimed at containing it. It is grounded in two distinct systems: static and dynamic. The dynamic crisis system encompasses specific types of crises, including the active shooter scenario. The active shooter critical incident gained widespread recognition following the Columbine massacre in the United States in 1999—a tragedy that influenced crisis management doctrine, particularly regarding incidents involving random shooters. This necessitated an immediate police response based on a concept that emerged thereafter: that of the "first responder." In this study, titled "Active Shooter Critical Incident: Immediate Response by the First Responder," we discuss issues concerning this dynamic crisis—the active shooter—and the need for police intervention to bring the critical incident to a close. The research aimed to analyze procedures related to active shooter crises and to understand the importance of an immediate response provided by the first responder. The methodology was based on Marconi and Lakatos (2024) and Minayo, Deslandes, and Gomes (2016), consisting of bibliographic and documentary research as well as a discussion of real-world cases, with the goal of inductively grounding the study through qualitative procedures. Ultimately, the study concluded that the active shooter critical incident is a highly complex police event requiring an immediate response—specifically, that of the first responder.

Keywords: Shooter. Active. Crisis. First. Responder.

RESUMEN: La gestión de crisis consiste en un plan de acción para una crisis específica, con el objetivo de contenerla. Se basa en dos sistemas distintos: estático y dinámico. El sistema de crisis dinámico abarca tipos específicos de crisis, entre las que se encuentra el tiroteo con tirador activo. El evento crítico de un tiroteo con tirador activo se popularizó tras la masacre de Columbine, ocurrida en Estados Unidos en 1999. Esta tragedia influyó en la doctrina de la gestión de crisis, principalmente en relación con eventos críticos caracterizados por tiradores indiscriminados, que requieren una respuesta inmediata de las fuerzas policiales mediante un nuevo concepto surgido a partir de entonces: el de primer interviniente. En este estudio titulado "Evento crítico de un tiroteo con tirador activo: respuesta inmediata de un primer interviniente", se abordarán cuestiones relativas a una crisis de naturaleza dinámica, el tiroteo con tirador activo, y la necesidad de intervención policial para la resolución del evento crítico. El objetivo de la investigación fue analizar los procedimientos relacionados con la crisis del tiroteo con tirador activo y comprender la importancia de una respuesta inmediata, atribuida al primer interviniente. La metodología empleada se basó en Marconi y Lakatos (2024) y Minayo, Deslandes y Gomes (2016) y consistió en: investigación bibliográfica y documental, además del análisis de casos reales relacionados con el tema, con el fin de fundamentar inductivamente la investigación mediante procedimientos cualitativos. Finalmente, se concluyó que el evento crítico de un tirador activo constituye un suceso policial de alta complejidad que requiere una respuesta inmediata, es decir, la del primer interviniente.

Palabras clave: Tirador. Activo. Crisis. Primer. Interviniente.

2. INTRODUÇÃO

O Gerenciamento de Crises surgiu nos Estados Unidos através de procedimentos, até então inovadores, desenvolvidos pelo FBI após inúmeras tragédias envolvendo grande número de vítimas (a exemplo de Waco, no Texas). Contudo, os procedimentos utilizados eram

caracteristicamente estáticos, dependendo de forças especializadas para confrontar o causador do evento crítico (CEC).

No ano de 1999, diante do Massacre de Columbine, devido à necessidade de mudanças na doutrina, um novo sistema de gerenciamento de crises foi criado, dando origem ao sistema dinâmico de crises.

Neste estudo intitulado "Evento crítico atirador ativo: resposta imediata primeiro interventor", serão discutidas questões concernentes a uma crise de natureza dinâmica específica, o atirador ativo, e a necessidade imediata de intervenção policial no que concerne ao encerramento do evento crítico em menor tempo possível.

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar os procedimentos dinâmicos ainda em desenvolvimento pela doutrina no que se refere ao evento crítico atirador ativo, e confirmar ou refutar a importância ou inoperância do sistema dinâmico de crise neste tipo de ocorrência.

O objetivo específico tem a ver com a atuação do primeiro interventor como elemento atuante neste tipo de crise, enfatizando-se que no sistema estático, não necessariamente o primeiro agente de segurança pública a chegar no local da ocorrência crítica consiste no primeiro interventor. Por outro lado, no sistema dinâmico, os respectivos termos, primeiro a chegar e primeiro interventor, são sinônimos.

3

Entretanto, por que o evento crítico atirador ativo é classificado dentro do sistema dinâmico da doutrina policial, sendo que, na década de 1990, este tipo de crise fazia parte do sistema estático? Do mesmo modo, por que o primeiro interventor não possui na doutrina estática as mesmas atribuições (quanto à resolução da crise) que na doutrina dinâmica?

Assim, o evento crítico que possui características estáticas (isolamento, contenção, negociação) pode rapidamente evoluir para uma crise dinâmica, que exige rápida e eficaz intervenção das forças policiais no intuito de assegurar a preservação da vida. Da mesma forma, um evento crítico dinâmico pode evoluir para crise estática.

A relevância desta pesquisa se refere à abordar um tema pouco discutido na doutrina policial operacional, principalmente quando se refere a ação efetiva do primeiro interventor no impedimento da ação hostil do atirador ativo, sendo de grande importância, pois contextualiza o respectivo tema à realidade operacional da Polícia Militar do Pará.

3. METODOLOGIA

Este estudo teve como método procedimental, a pesquisa bibliográfica e documental, valendo-se de artigos científicos, livros e documentos referentes ao tema abordado, por exemplo, o Procedimento Operacional Padrão da Polícia Militar do Pará (POP nº 005.011), no intuito de fundamentar esta discussão científica.

Enfatizando-se que, parte das referências bibliográficas utilizadas para fundamentar teoricamente a discussão proposta, foram obtidas de maneira *on-line*, por meio de *downloads* integrais dos referidos artigos em formato pdf, devidamente referenciados conforme normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) na seção referências bibliográficas, disponibilizados os locais virtuais (*sites*) onde foram encontrados.

Também se utilizou o método indutivo de pesquisa, pois, a partir da análise breve (mas de fundamental importância) de casos reais relacionados ao evento crítico atirador ativo, se tentou abranger a fundamentação do estudo, complementando o viés teórico por meio da análise de fatos reais.

Foram utilizados métodos empíricos de interpretação e análise dos dados obtidos, por meio da análise crítica de ocorrências reais amplamente noticiadas na mídia a respeito do evento crítico atirador ativo, visando abranger a discussão por meio de questões relevantes.

4

O referido método de análise procedimental utilizado na pesquisa é primordialmente qualitativo, no intuito de entender as causas e consequências da ação de um agente de segurança pública em ocorrências policiais de alta complexidade.

Para tanto, a base metodológica desta pesquisa foi estruturada seguindo os conteúdos teóricos abordados por Marconi e Lakatos (2024), no tocante à pesquisa qualitativa, e, Minayo, Deslandes e Gomes (2016) no que se refere ao método indutivo.

4. SISTEMAS DE GERENCIAMENTO DE CRISES

A partir de estudos sobre eventos críticos ocorridos nos Estados Unidos entre as décadas de 1970 e 1990, surgiu o conceito de gerenciamento de crise, desenvolvido principalmente pelo *Federal Bureau of Investigation* (FBI) [Departamento Federal de Investigação] (Machado, 2014).

O termo “crise” pode ser definido como “um evento crítico, que exige uma resposta especial da polícia, a fim de assegurar uma solução aceitável” (Gaia, 2003, p. 10), de outra forma, representa um momento de instabilidade que necessita de solução. Nessa perspectiva, a doutrina

policial intenta gerenciar a crise, visando resolver o evento crítico da melhor forma possível, sem efeitos colaterais ou perdas consideráveis.

Consequentemente, o gerenciamento de crises consiste em um planejamento de ação específico em relação a uma crise específica, com o objetivo de contê-la o mais rapidamente possível (Montagna, 2022).

No intuito de gerenciar favoravelmente um evento crítico, evitando-se maiores danos, a doutrina policial dividiu a crise em cinco fases distintas. A respeito disso, Machado, conceitua que:

O Gerenciamento de Crises é dividido em cinco fases, a saber: pré-confrontação, resposta imediata, planejamento deliberado, resolução e pós-evento. A pré-confrontação ou pré-evento, traduz-se pelos estudos a respeito de crises ocorridas, as táticas e equipamentos utilizados em suas resoluções, desenvolvimento de planos de contingência, protocolos de atendimento e treinamento do efetivo. Resposta imediata é o conjunto de medidas a ser praticado quando do conhecimento da eclosão de uma crise, em geral por meio de sequências pré-determinadas, por parte dos policiais que trabalham no atendimento cotidiano de ocorrências. Quando o grupo especial assume a condução do gerenciamento de uma crise, tem início a fase de plano específico ou planejamento deliberado, quando são analisadas as possíveis alternativas a serem empregadas, a fim de fazer cessar a causa da crise. Na resolução é posto em prática o plano escolhido, são praticados todos os atos específicos com o objetivo de encerrar o evento crítico, cujo sucesso finaliza esta fase. No pós-evento é realizado estudo de caso sobre os fatores que motivaram aquela crise, o perfil do causador, a efetividade dos protocolos e a eficácia das medidas levadas a efeito, que serão utilizados na pré-confrontação (Machado, 2014, p. 27, grifo nosso).

Vê-se que, das cinco fases que compõem o gerenciamento de crises, a fase crítica consiste na “resposta imediata”. Devido ao fato de que, a eclosão de um evento crítico requer uma ação de contenção iminente. Essa resposta à crise deve vir das primeiras guarnições a chegarem no local do evento crítico.

Mesmo que não possuam capacitação especializada para combater este tipo de ação hostil, é necessário que haja uma primeira intervenção, caso contrário, pode haver perda considerável de vidas. Desta forma, o primeiro interventor, ou seja, os primeiros policiais a chegarem ao local da ocorrência crítica devem agir objetivamente a fim de conter a ação crítica, até a chegada das tropas especializadas (Santos, 2024).

Nesse entender, é importante frisar que esta característica dinâmica da ação policial ocorre devido ao fato de que vidas humanas estão submetidas à risco de vida imediato provocado por um ataque eminente ou situação semelhante. Neste tipo de crise, o protocolo padrão de gerenciamento não produz efeito eficaz, por isso, o procedimento de isolar, conter, negociar se

torna obsoleto diante de uma crise, por exemplo, com atirador ativo em ambiente escolar (PMPA, 2024a).

Assim, o gerenciamento de crises é fundamentado em dois sistemas distintos que caracterizam duas modalidades diferentes de crise. O sistema estático, que representa um gerenciamento de crises tradicional, eficaz em determinadas ocorrências, por exemplo, situações que envolvam reféns. E o sistema dinâmico, que representa a doutrina policial moderna, inserido no final da década de 1990. Nas subseções a seguir, serão discutidos os respectivos sistemas de gerenciamento de crises.

a. SISTEMA ESTÁTICO

A crise pode ocorrer a qualquer momento, em qualquer lugar. Em uma ocorrência policial aparentemente comum, por exemplo, violência doméstica, um indivíduo sem antecedentes criminais, trabalhador, pai de família, pode se tornar um CEC (Causador do Evento Crítico). Da mesma forma, um aluno de ensino médio, com boas notas, pode se tornar um atirador ativo ou agressor ativo.

Nesse contexto, a definição da atuação policial em ambas as ocorrências será determinada pelas características da crise. Em uma situação hipotética em que o marido mantém a própria mulher como refém, a crise possui características estáticas, e conseqüentemente, necessitará de procedimentos estáticos de crise. Sobre esta questão, Machado, afirma que:

O Sistema Estático de Gerenciamento de Crises [...] é utilizado em busca de resolução de crises que não estão evoluindo e também não se encontram em movimento, as ações dos infratores estão, aparentemente, contidas em uma área passível de delimitação imediata. São exemplos de situação de crise estática: ocorrências envolvendo reféns, artefatos explosivos, pessoas com propósitos suicidas (de posse de armas de fogo ou brancas), infratores armados e embarricados (Machado, 2014, p. 28).

A crise estática geralmente consiste em um evento crítico confinado, por exemplo, no interior de um apartamento. Nesse contexto, o procedimento isolar, conter, negociar (Bitencourt *et al.*, 2026) é aplicável. Como o CEC está estático em um ambiente específico, apesar de subjugar pessoas (reféns) não atenta diretamente contra a vida destas (mas as mantêm sob forte ameaça), o objetivo principal consiste em resgatar os reféns, e não necessariamente, conter letalmente o indivíduo causador do evento crítico. A respeito das características que definem uma crise estática, Bitencourt *et al.*, conceitua que:

As crises estáticas caracterizam-se como eventos limitados a espaço geográfico determinado, permitindo medidas de contenção e isolamento sem implementação imediata de alternativa tática – incluem cárcere privado, tomada de reféns em ambientes delimitados e tentativas de suicídio (Bitencourt *et al.*, 2026, p. 8).

Contudo, atualmente, o sistema estático de gerenciamento de crises se caracteriza como uma das alternativas possíveis para fundamentar a resolução de um evento crítico, porém, houve época em que consistia na única opção. Como esclarece Aguilár *et al.* ao dizer que:

Essa doutrina tradicional reinou sem significativas alterações nos Estados Unidos até o final da década de 90, quando o Sistema Estático foi colocado em dúvida, diante de uma série de ataques de atiradores ativos havidos em escolas norte americanas. A polícia local deveria realizar a contenção e o isolamento do incidente e aguardar, do lado de fora do incidente, a chegada de equipes especializadas, sendo que essas é que realizariam a intervenção no incidente; entretanto, justamente por não haver uma imediata ação dos policiais locais, que deveriam aguardar o apoio, os atiradores continuavam com sua ação homicida, buscando livremente suas vítimas, em consequência disso, ocorrendo perdas significativas de vidas inocentes (Aguilár *et al.*, 2022, p. 155).

Vê-se que, na década de 1990, a doutrina não previa como primeiro interventor o primeiro agente policial a chegar no local. Sendo que este, deveria isolar o local do evento crítico até a chegada da equipe especializada. A falta de treinamento especializado em eventos policiais de natureza crítica era considerada uma das justificativas que legitimavam esse procedimento padrão.

O Massacre de Columbine é considerado o marco inicial que deu início ao rompimento com a doutrina tradicional (estática) e originou uma nova vertente quanto ao gerenciamento de crises (dinâmica). Na tragédia ocorrida nos Estados Unidos que vitimou letalmente 15 pessoas, além de dezenas de feridos, os primeiros policiais a chegarem no local do evento crítico poderiam ter impedido a ação hostil, porém, a doutrina orientava aguardar. Sobre os conceitos que norteiam o gerenciamento de crises estático, no qual o evento crítico ocorre caracteristicamente em ambiente confinado, Silva, consolida que:

Essas ferramentas estão atreladas à busca incessante pelo objetivo primordial de todo processo de G.C, que é a preservação de todas as vidas humanas envolvidas. Importante diferenciar, nesse momento, as crises estáticas das crises dinâmicas. Crises estáticas são aquelas em que o causador do evento crítico (CEC) está contido e cercado no ponto crítico. [...] A alternativa contenção e negociação inclui as abordagens mais seguras para todos. O princípio de zero perda de vidas, aliás, continua sendo uma meta orientadora das negociações ainda hoje na gestão das crises estáticas (Silva, 2024, p. 2, 6).

Vê-se que, a crise estática ocorre em ambiente controlado (isolado, contido), sendo um ambiente propício para negociação no intuito de preservar vidas, inclusive do próprio Causador do Evento Crítico (CEC). Diferente do que acontece na crise dinâmica, onde a negociação dá lugar a resposta imediata do primeiro interventor, no intuito de encerrar a ação hostil, mesmo que isso signifique, fazer-se uso de força letal.

Atualmente, a doutrina estática ainda vigora no conceito de gerenciamento de crises, todavia, é complementada pelo sistema de gerenciamento de crises dinâmico, que diante de um evento crítico que exige uma resposta imediata, possibilita a atuação dinâmica do primeiro interventor como elemento que pode encerrar a crise.

b. SISTEMA DINÂMICO

Há duas perspectivas hipotéticas nas quais um evento crítico se configura como dinâmico, a saber, um evento crítico estático que evolui para dinâmico, ou, um evento que inicia por meio de uma dinâmica de crise, na qual o CEC (Causador do Evento Crítico) age indiscriminadamente em ambiente aberto. Nesta hipótese, cada minuto de duração da crise representa danos irreparáveis à vida. Como se percebe na explanação de, Mascarenhas, ao dizer que:

[...] os incidentes policiais dinâmicos são aqueles eventos cujos impactos não se limitam a um espaço geográfico determinado em razão da sua natureza. Os atores envolvidos encontram-se em movimento, tornando difícil a adoção das medidas iniciais de contenção e isolamento, exigindo uma resposta imediata da primeira força policial interventora, a fim de alcançar a cessação dos seus efeitos e, posteriormente, o acionamento das demais ações do Estado e de outras organizações (Mascarenhas, 2020, p. 27).

No sistema dinâmico de crise os procedimentos e protocolos utilizados na doutrina estática não possuem eficácia. Os procedimentos se tornam obsoletos frente à ação imprevisível do indivíduo que causa a crise com o único intento de causar mortes, sem se importar com a própria vida. Em razão disto, isolar, conter, negociar, não é uma alternativa viável.

É necessário que haja uma ação imediata e eficaz das primeiras forças policiais a chegarem no “ponto crítico” (ambiente onde acontece a crise). Sendo que, devido à dinâmica do evento crítico, o ponto crítico se torna variável, ou seja, o indivíduo não está confinado, mas transita livremente em ambiente aberto, geralmente, buscando vítimas aleatórias (Machado, 2014).

Nessa situação específica, a ação policial contra o atirador ativo ou agressor ativo, deve ser de cercar a ação hostil, mesmo que por meio de intervenção letal, pois, a ação letal do indivíduo positiva a legítima defesa de outrem, ou seja, em uma perspectiva do uso diferenciado da força, a resposta policial deve ser nas mesmas proporções que ocorre a crise. Como instrui, Machado, a respeito dos primeiros agentes de segurança pública (Primeiro interventor) a chegarem no ponto crítico:

A partir da constatação deste tipo de crise (dinâmica) a guarnição policial deve procurar, com rapidez, obter informações de qualquer fonte possível: pessoas em fuga, seguranças e funcionários do local, ao mesmo tempo em que verifica se ainda há sons de disparos de arma de fogo, identificando de onde partem esses sons (Machado, 2014, p. 58).

Nesse entender, os primeiros policiais a chegarem na ocorrência, não devem aguardar tropas especializadas para conter a ação hostil, porém, intervirem contra o indivíduo agressor, haja vista que vidas estão em risco, e cada minuto de inércia quanto à resposta policial, pode resultar em maiores danos às vítimas.

No entanto, é necessário que haja garantia de segurança aos policiais militares interventores, no intuito de que para garantirem a vida de outrem, é necessário que os riscos a estes sejam reduzidos (*ibid.*).

Deste modo, a resposta imediata é a melhor forma de intervir em uma crise dinâmica, devido ao fato de que, o confronto com o “causador” expressa a reação policial ao evento crítico (Gaia, 2003) e causa frustração às intenções de hostilidade. Com isso, a crise dinâmica se caracteriza pela necessidade de resposta imediata no menor tempo possível, o intervalo entre o início do evento crítico e o início da resposta imediata a este evento, é conceituada como “Cenário Caótico” (Aguilar, 2022, p. 149).

Em crises que envolvam atirador ativo, por exemplo, o atentado de Columbine, o tempo de resposta ao evento crítico é de suma importância quanto à letalidade causada pelo indivíduo hostil. No evento crítico em questão, o primeiro policial chegou ao ponto crítico sete minutos após o início do atentado, contudo, como o protocolo previa aguardar a equipe tática, demorou quarenta e sete minutos até que os atiradores ativos fossem contidos (Brasileiro; Santos; Silva, 2024).

A respeito de atentados que envolvem características semelhantes ao massacre de Columbine, onde vítimas são feitas aleatoriamente. Sobre esta questão, Brasileiro, Santos e Silva enfatizam que:

Ataques classificados como *rampage* [...] O que caracteriza os ataques sob essa denominação é a composição das vítimas, escolhidas aleatoriamente. Nos casos de *rampage*, podemos identificar o interesse ou a relação direta do infrator com grupos de extrema direita. Além disso, há também o fascínio por atentados anteriores, especialmente Columbine. Causar horror a partir de atos brutais de violência é, inclusive, uma maneira de garantir a cobertura midiática e alcançar a fama, comparando a si mesmos com o episódio de Columbine (Brasileiro; Santos; Silva, 2024, p. 5).

Vê-se que, a crise dinâmica, especificamente que envolva atirador ativo ou agressor ativo, possui causas referentes principalmente, ao emocional do causador do evento crítico, por

razões (referindo-se aos atentados praticados por alunos em ambiente escolar) relacionadas à praticas de bullying ou outras situações vexatórias.

Nesses casos, geralmente o indivíduo hostil se caracteriza como atirador ativo (atenta contra a vidas das pessoas utilizando arma de fogo), e não busca perdão ou outra coisa semelhante, mas vingança, não se importando com a vida dos outros.

5. EVENTO CRÍTICO ATIRADOR ATIVO

No Gerenciamento de Crises (GC) o evento crítico concerne em uma crise de teor policial onde ao menos dois elementos principais estão envolvidos, o Causador do Evento Crítico (CEC), ou seja, qualquer indivíduo que promova um evento crítico (Freitas; Pacheco, 2025) e a vítima. Por conseguinte, o evento crítico pode ocorrer na forma estática ou dinâmica da crise (Machado, 2014; Mascarenhas 2020).

O evento crítico dinâmico possui diferentes contextos, desde situações que envolvam ataques múltiplos coordenados por terroristas, até ocorrências com homicídios aleatórios protagonizados por atirador ativo (Aguilar *et al.*, 2022). Nesta perspectiva, o termo atirador ativo pode ser conceituado como:

[...] indivíduo que porta uma arma de fogo e que mata, tenta matar ou está decidido a matar pessoas em um ambiente específico, sem selecionar individualmente quais vítimas quer assassinar. Atirador em massa – sinônimo para atirador ativo. O termo “em massa”, torna mais fácil a compreensão do conceito. (Sousa *et al.*, 2021, p. 15 *apud*. Freitas; Pacheco, 2025, p. 7).

10

Com isso, o termo atirador ativo, conforme exposto, representa a designação dada ao indivíduo que age com intento caracteristicamente homicida, objetivando ferir letalmente número indiscriminado de pessoas. Sendo que, também é designado como atirador em massa, pois objetiva atirar e matar pessoas em grande quantidade.

É comum verem-se atentados com este *modus operandi* ocorrerem em ambientes escolares, geralmente motivados por traumas estudantis relacionados à bullying (Freitas; Pacheco, 2025). No entanto, também podem ocorrer por questões políticas ou religiosas relacionadas à radicalismos (como o caso da ceita religiosa em Waco, no Texas⁵).

Em relação às motivações do atirador ativo que culminam no evento crítico, explicita-se que:

⁵ Em 1993, na cidade de Waco no Texas, a ceita religiosa denominada Ramo Daviniano, entrou em confronto com a ATF (Agência de álcool, tabaco, armas de fogo e explosivos) devido armazenar grande quantidade de armas em uma fazenda. O confronto resultou na morte de 76 pessoas. A partir deste evento crítico de grandes proporções, o FBI criou os protocolos que deram origem ao gerenciamento de crises nos Estados Unidos (Machado, 2014, p. 25).

[...] o agressor ativo é todo o indivíduo que dá causa a uma crise independente de suas motivações ou fatores que desencadearam tal situação. O atirador ativo e o agressor ativo são exemplos de um causador de evento crítico. Embora na maioria das vezes o agressor ativo cometa suicídio após alcançar seu objetivo, alguns autores procuram ser mortos pela polícia ou em confronto com forças policiais (suicide by cop) para buscar maior notoriedade em sua ação. A crise policial instaurada pelo CEC é uma ocorrência diferenciada, de risco extremado e que excede a capacidade de atendimento dos grupos policiais regulares, evocando a necessidade imperiosa de grupos especialmente treinados para seu gerenciamento (Vantobra, 2023, p.3).

Nesta epígrafe em questão, se faz menção a duas nomenclaturas que aparentemente parecem sinônimos, porém, se referem a duas conceituações distintas.

O termo atirador ativo se refere ao indivíduo munido de arma de fogo que atenta aleatoriamente contra a vida de outras pessoas em ambiente aberto, e portanto, dinâmico. Por outro lado, o termo agressor ativo, se refere a indivíduo que tem o mesmo tipo de atitude hostil, contudo, utilizando instrumento perfurocortante (faca), ou outro objeto classificado como armamento impróprio (Freitas; Pacheco, 2025).

Esta diferenciação conceitual entre ambos os termos, atirador ativo e agressor ativo é importante, contudo, o foco central desta discussão consiste no conceito de atirador ativo, que, munido de arma de fogo, age rapidamente no que se refere a homicídios aleatórios. Abordando questões a respeito da aleatoriedade com a qual o atirador ativo escolhe suas vítimas, Cavalcante, demonstra que:

[...] a aleatoriedade na abrangência das vítimas é mitigada, mas é uma característica relevante para a tipologia. O agressor costuma escolher o local por afinidade e vinculação, podendo ser o repositório de um ressentimento. Todavia, as potenciais vítimas são, em alguma medida, indeterminadas, não se tratando de uma vingança pessoal contra determinados indivíduos (Cavalcante, 2026, p. 17).

Vê-se que, devido à gravidade dos crimes que envolvem atirador ativo, muitas vezes, é ignorada a forma aleatória pela qual o causador do evento crítico escolhe suas vítimas. Contudo, há certa seletividade em relação às vítimas, devido ao ambiente selecionado pelo atirador geralmente ter algum vínculo negativo, deveras traumático, com o indivíduo hostil.

No massacre de Columbine (ocorrido em 1999) as vítimas foram aleatórias (estudantes do Ensino Médio) mas o local não. A Columbine High School, uma escola de ensino médio localizada no estado americano do Colorado, era sinônimo de aversão dos autores do massacre, devido a episódios de bullying vivenciados por estes (Brasileiro; Santos; Silva, 2024).

Da mesma forma, no Brasil, no ano de 2011, um ex-aluno da escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, entrou no estabelecimento educacional com duas armas e atirou aleatoriamente contra crianças e adolescentes em horário escolar: deixando doze mortos e dezenas de feridos. As vítimas foram escolhidas

aleatoriamente, conforme a facilidade de alcance. O lugar, não. Anos atrás, enquanto estudante daquela instituição, o causador deste trágico evento crítico sofreu com atitudes vexatórias de seus colegas, principalmente bullying (Menezes; Silva, 2025).

Portanto, o atirador ativo age por um motivo específico e não necessariamente, as vítimas estão relacionadas à motivação do crime, a não ser pelo fato de estarem situadas em locais que geralmente possuem vínculo com as razões que levaram o indivíduo hostil a causar o evento crítico. O evento crítico dinâmico pode causar danos irreparáveis à vida, dependendo do tempo de duração. Por este motivo, os protocolos de isolar, conter, negociar, não são aplicáveis neste cenário caótico que exige uma resposta imediata, com o intuito de preservar vidas. E para tanto, a figura do primeiro interventor é primordial.

5 RESPOSTA IMEDIATA PRIMEIRO INTERVENTOR

Na doutrina estática, o primeiro agente policial a chegar no ponto crítico deveria isolar o local e aguardar a chegada da equipe policial especializada (Aguilar *et al.*, 2022), contudo, em ocorrências que envolvem atirador ativo, aguardar não é uma opção.

O atirador ativo representa um evento crítico de grandes proporções que necessita de uma resposta imediata, sendo que, o primeiro interventor, ou seja, o primeiro agente a intervir contra a ação homicida, caracteriza-se como a melhor resposta de contenção à crise dinâmica, pois, quanto menor o tempo de duração do cenário caótico, mais vidas poderão ser salvas. A respeito do conceito de primeiro interventor, Bitencourt *et al.*, define que:

O primeiro interventor desempenha um papel central na resposta a incidentes críticos envolvendo agressores ativos e dispositivos explosivos, cenários onde decisões imediatas e procedimentalmente corretas determinam o desfecho da crise. Nesse contexto de crises dinâmicas, emerge com centralidade a figura do primeiro interventor, policial militar que primeiro identifica e confronta a situação crítica, assumindo responsabilidade inicial pela estabilização do cenário e preservação de vidas [...] o primeiro interventor torna-se frequentemente a única barreira entre o agressor e suas vítimas potenciais (Bitencourt *et al.*, 2026, p. 1-3).

Vê-se que, a crise dinâmica não necessita de negociador (a não ser que evolua para estática), mas de interventor, que possa encerrar o evento crítico no menor tempo possível, devido a complexidade da ação hostil dinâmica, que geralmente ocorre em um espaço aberto (não confinado) e que, em razão da aleatoriedade com que faz vítimas, pode significar uma tragédia em grandes proporções.

Nesse contexto, o primeiro interventor atua diretamente no impedimento do intento homicida do atirador ativo, posição esta que o expõe com risco de vida imediato, daí a questão

de que o primeiro interventor deve ser um policial militar, que possui treinamento que o capacita a atuar em situações de crise, mesmo que não faça parte de tropas especializadas (Bitencourt *et al.*, 2026).

Há de se destacar que o ideal em uma situação de crise dinâmica com atirador ativo, é que o primeiro interventor seja mais de um policial militar (uma guarnição interventora), e que os riscos sejam medidos, a fim de que, a ação de intervenção logre êxito na contenção do evento crítico (Machado, 2014).

Para tanto, é necessário que mesmo em uma ação que exige decisões rápidas e atuação enérgica, se atente para procedimentos e precauções pré-estabelecidos que podem assegurar ao primeiro interventor uma intervenção bem-sucedida (PMPA, 2024b). Sobre as ações corretivas concernentes a ação policial em detrimento do atirador ativo, o Procedimento Operacional Padrão da Polícia Militar do Pará (POP PMPA) n° 005.011, instrui que:

Deslocar-se com celeridade para a ocorrência; Adentrar ao recinto que ocorre o ataque ativo de forma técnica e com segurança; Tão logo se confirme a ocorrência, acionar apoio imediato; Trabalhar em equipe, não expondo a GU a riscos desnecessários; Tentar filtrar informações no local para não ser enganado, pois o CEC pode tentar se passar por vítima e tentar fugir do local; Fazer a varredura de cômodos com a devida seriedade, a fim de localizar o agressor/atirador ativo; Jamais subestimar o CEC, seja ele agressor ou atirador ativo; Socorrer feridos apenas após identificar o CEC e neutralizar o perigo, pois, enquanto se presta primeiros socorros a um ferido, o agressor/atirador continuará ferindo e matando muitos outros, o que exige o urgente estancamento da crise; Manter o equilíbrio emocional, afinal, pode ser a ocorrência mais complexa da carreira do profissional de segurança pública empenhado neste atendimento; Se atentar aos princípios de segurança quanto à condução do(s) armamento(s), caso contrário, pode haver riscos de acidente de tiro envolvendo inocentes; Após estancar a crise, tomar as medidas necessárias para prestação de socorro e feridos e isolamento do local, mantendo-o o mais idôneo possível, subsidiando o trabalho dos demais órgãos/instituições empenhados (PMPA, 2024b, p. 5, 6).

Vê-se que, apesar da urgência do evento crítico, há procedimentos relacionados à ação de contenção do primeiro interventor que podem garantir-lhe a preservação da própria vida, sendo que, o intento da ação de primeira intervenção consiste em eliminar o causador do evento crítico (CEC), e não tornar-se mais uma vítima (no que se refere ao insucesso do primeiro interventor em conter o atirador ativo).

A respeito do CEC, o Manual de Ações Policiais Militares em Ambiente Escolar da Polícia Militar do Pará (PMPA, 2024a), estabelece que há diferentes tipos de Causador do Evento Crítico, classificados em quatro categorias: criminoso comum, pessoa em crise ou emocionalmente perturbado, pessoa mentalmente perturbada, terrorista ou extremista/fanático.

Por outro lado, analisando-se dois acontecimentos relevantes em relação a evento crítico de atirador ativo, a saber, o massacre de Columbine e o massacre de Realengo, veem-se que as duas tragédias exprimem de forma contundente as duas modalidades de sistemas de crise abordadas: sistema de crise estático e sistema de crise dinâmico.

No massacre de Columbine, os primeiros agentes policiais a chegarem ao ponto crítico, doutrinados por procedimentos que não previam ação efetiva e imediata em ocorrências com atirador ativo, agiram de forma estática, isolando a área da ação hostil e aguardando as tropas especializadas, enquanto o CEC causava mais mortes a cada minuto de não intervenção policial (Aguilar *et al.*, 2022).

Por outro lado, no massacre de Realengo, o primeiro agente de segurança pública a chegar no local da ocorrência, o então Sargento Alves (atualmente Subtenente da Reserva Remunerada), agiu de forma dinâmica no intuito de encerrar a ação hostil do atirador ativo que já havia ceifado a vida de doze alunos da escola municipal onde ocorreu a tragédia. Apesar de não pertencer à tropas especializadas, o militar adentrou ao recinto, guarnecido por outros dois militares, identificou o causador do evento crítico e eliminou a ameaça. A atitude dinâmica do policial preservou a vida de dezenas de crianças, que da mesma forma como as primeiras vítimas do atentado, seriam mortas aleatoriamente (Menezes, Silva, 2025).

14

Portanto, em evento crítico específico de atirador ativo, a primeira intervenção não somente se faz necessária, como é essencial para a preservação da vida. No entanto, é necessário que o policial primeiro interventor atue em conformidade com os procedimentos previstos neste tipo de ocorrência, devido ao fato de que, aguardar por tropas especializadas enquanto a dinâmica da ocorrência vitima mais pessoas é inviável.

Contudo, tentar encerrar um evento crítico e tornar-se mais uma vítima, também não é cogitável. Daí a possibilidade de uma guarnição primeiro interventora, a fim de garantir a segurança e integridade física do agente de segurança pública, porém, nem sempre tal coisa é possível.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, existem duas modalidades de sistemas de crise: estático e dinâmico. No sistema estático, o protocolo da doutrina policial instrui a isolar o local da ocorrência, conter a ação hostil do indivíduo e negociar. No sistema dinâmico, negociar não é uma opção devido à letalidade da ação hostil do causador do evento crítico (CEC).

Compreende-se que, em evento crítico relacionado, especificamente, a atirador ativo, a atuação do primeiro interventor é de suma importância para anular a hostilidade do atirador. O ideal em tal situação seria uma guarnição interventora com no mínimo quatro policiais, mas na impossibilidade disto, a urgência da preservação da vida requer a atuação rápida e imediata do primeiro interventor, com a observância dos protocolos e doutrina pertinente.

Entende-se que, uma crise de natureza estática, em ambiente confinado e com reféns (por exemplo), pode evoluir rapidamente para um evento crítico dinâmico, no qual aleatoriamente pessoas inocentes se tornam alvo de um atirador ativo. De mesmo modo, uma crise dinâmica, com vítimas aleatórias, pode evoluir para estático. Ambos os sistemas de crise não se anulam, mas se complementam.

Assim, em dois casos reais de ocorrência com atirador ativo, o massacre de Columbine e o Massacre de Realengo, a ação policial expressa os dois sistemas de gerenciamento de crise: estático e dinâmico. No primeiro, a ação estática dos primeiros agentes policiais a chegarem no ponto crítico, não condiz com a urgência da ação policial que tal crise requer. No segundo, a ação dinâmica e eficaz do primeiro interventor assegurou a preservação de centenas de vidas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

15

AGUILAR, Paulo Augusto *et al.* **Atualização de procedimentos adotados na PMESP na doutrina de gerenciamento de crises, modelo estático, para o modelo dinâmico de gestão de crises.** Revista do Instituto Brasileiro de Segurança Pública (RIBSP), v. 5, n° 11, 2022. Disponível em <https://<revista.ibsp.org.br>> Acesso em: 15 jun. 2026

BITENCOURT, Evelton Cezar *et al.* **A importância do primeiro interventor no gerenciamento dinâmico de crises: agressores ativos, artefatos explosivos e aplicação na Polícia Militar do Amazonas.** Revista Científica Multidisciplinar O Saber (RCMOS), Ano VI, v. 1, São Paulo-SP, 2026. Disponível em: <https://<submissoesrevistarcmos.com.br>> Acesso em: 15 jun. 2026

BRASILEIRO, Juliana Montenegro; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos; SILVA, Nilma Renildes da. **De Columbine a Suzano: uma análise sócio-histórica de atentados escolares.** Psicologia USP, v. 35, 2024. Disponível em: <https://<scielo.br>> Acesso em: 16 jun. 2026

CAVALCANTE, Igor Dutra. **Primeira intervenção em incidentes de agressores ativos: análises de recomendações em relatórios pós eventos.** Revista Ciência & Polícia, v. 12, n. 1, Brasília-DF, 2026. Disponível em <https://<revista.iscp.edu.br>> Acesso em 18 jun. 2026

FREITAS, Maykon Brito de; PACHECO, Renan Lemos. **Atiradores ativos em escolas: estratégias de proteção e treinamento para professores e alunos.** Brazilian Journal of Development, v. 11, n. 4, Curitiba-PR, p. 01-18, 2025. Disponível em: <https://<ojs.brazilianjournals.com.br>> Acesso em 17 jun. 2026

GAIA, José Américo de Souza. **Gerenciamento de crises:** Polícia Militar do Acre. Monografia (Especialização em Administração Policial), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba-PR, 2003. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br> Acesso em: 15 jun. 2026

MACHADO, Rogério Nery. **Atirador ativo:** impositivo de emprego do sistema dinâmico de gerenciamento de crises. Dissertação de Mestrado. Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais - CAO, Academia Militar Barro Branco, São Paulo-SP, 2014. Disponível em: <https://policiamilitar.sp.gov.br> Acesso em: 15 jun. 2026

MARCONI; Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 9. ed. São Paulo-SP: Atlas, 2024.

MASCARENHAS, Wanderley. **Sistema de gerenciamento de incidentes de crises e a ameaça do atirador ativo:** atualizando a doutrina. 1. ed. São Paulo-SP: Ícone, 2020.

MENEZES, Jaileila de Araújo; SILVA, Rebeca Mirelli da. **O bullying e suas repercussões na comunidade escolar:** o massacre de Realengo. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Centro de Educação (Pedagogia), Recife-PE, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br> Acesso em: 16 jun. 2026

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016.

MONTAGNA, Adauton. **Crise e inteligência:** a atividade de inteligência no gerenciamento de crises. Revista Brasileira de Inteligência, n. 17, Brasília-DF: Abin, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://abin.gov.br> Acesso em: 16 jun. 2026. 16

POLÍCIA MILITAR DO PARÁ (PMPA). **Manual de Ações Policiais Militares em Ambiente Escolar (MAPE).** Publicado no Aditamento ao Boletim Geral (BG) nº 074 II, de 17 de Abril de 2024, Belém-PA: PMPA, 2024a. Disponível em: <https://pm.pa.gov.br> Acesso em 16 jun. 2026

_____. Procedimento Operacional Padrão n.º 005.011: **Ações do Primeiro Interventor em Evento Crítico na Modalidade Ataque Ativo.** Belém-PA: PMPA, 2024b. Disponível em: <https://apiaapoio.pm.pa.gov.br> Acesso em: 16 jun. 2026

SILVA, Marco Antonio da. **Alternativas táticas do processo de gerenciamento de crises policiais:** uma nova perspectiva teórica. Brazilian Journal of Development, v. 10, n. 4, Curitiba-PR, p. 01-29, 2024. Disponível em <https://ojs.brazilianjournals.com> Acesso em 15 jun. 2026

VANTOBRA, Rodrigo. **O papel vital do treinamento contínuo de policiais militares na prevenção e intervenção contra atividades de agressores ativos em ambientes escolares.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação (REASE). v. 9, n. 12, São Paulo-SP, 2023. Disponível em <https://periodicorease.pro.br> Acesso em 17 jun. 2026